



Ano I - nº. 7
Dezembro - 2014

Opinias

UMA REVISTA DE IDEIAS, PENSAMENTOS E PONTOS DE VISTA

Aventura em duas rodas



Ansiedade, esta velha companheira

*Gestão em
tempo
de crise*

*Poetrix e
o nosso
milênio*

*Por que
não deixo
o Brasil*

Editorial

Virando a página

Estamos prestes a arrancar do calendário que registra nossa passagem pela vida mais uma folha, como se o tempo fosse apenas um marco cronológico e esse ato simbólico pudesse apagar o que já foi feito para começar tudo novamente. Não é bem assim, pois o que fizemos sempre trará consequências para o presente e para o futuro. Quanto ao passado, o máximo que podemos fazer, é tê-lo como uma lição, um aprendizado. Não repetir atos equivocados e tentar modificar, polir e aperfeiçoar o que puder ser feito de maneira mais correta. Acima de tudo, acreditar que é possível evoluir, crescer e fazer presente e futuro mais justos e perfeitos.

O orador e líder político americano Robert Green Ingersoll (1833-1899), declaradamente um agnóstico, disse certa feita que “*não há no mundo, nem recompensa, nem castigo; o que há são consequências*”. Mas há quem pense diferente sobre suas ações, por acreditar que importa mais viver o presente, mesmo que de forma irresponsável, do que agir com retidão e consciência para evitar consequências imprevisíveis. Hoje há abundantes exemplos dessa total falta de compromisso com o futuro de muitos que, de forma egoísta e desonesta, agem como se não fossem precisar jamais dar qualquer satisfação de seus atos à sociedade.

A medida de nosso tempo, portanto, precisa de muito mais do que arrancar páginas dos calendários. Precisa de nossa reflexão e de proatividade de maneira efetiva para que possamos sempre brindar a vida e um mundo melhor que nossos atos ajudem a construir. E nada disso nos impede de viver o presente de forma plena, usufruindo do melhor que a vida possa nos oferecer. Assim não esperaremos recompensas nem temeremos castigos, mas simplesmente faremos a colheita do que semearmos com nossas ações.



MARCOS GIMENES SALUN
Jornalista
São Paulo - SP
msalun@uol.com.br

Expediente

OPINIÁS - ANO I - nº. 7 - Dezembro 2014 - Publicação virtual mensal da **Rumo Editorial Produções e Edições Ltda.** * **Diretores:** Marcos Gimenes Salun, Luciana Gomes Gimenes e Naira Gomes Gimenes * **Editor e Jornalista Responsável:** Marcos Gimenes Salun (MTb 20.405-SP) * **Revisão:** Lígia Terezinha Pezzuto (MTb 17.671-SP). * **Redação e Correspondência:** Av. Prof. Sylla Mattos, 652 - conj.12 - Jardim Santa Cruz - São Paulo - SP - CEP 04182-010 *E-mail:* rumoeditorial@uol.com.br - Tels.: (11) 2331-1351 Celular (11) 99182-4815. *BLOG:* <http://opinias2014.blogspot.com.br/> * **Colaboradores desta edição:** Carlos Augusto Ferreira Galvão (SP), Walter Whitton Harris (SP), Carlos Eduardo de Oliveira (SP), Tom Coelho (SP), Clayton César Aguiar (SP), Goulart Gomes (BA), Eberth Franco Vêncio (GO), Alessandra Leles Rocha (MG), Luciana Gomes Gimenes (SP) e Rosa Pena (RJ). Matérias assinadas são de responsabilidade de seus autores a quem pertencem todos os direitos autorais. PERMITIDA a reprodução dos artigos desde que citada a fonte e mencionada a autoria.

Sumário

03 **Ansiedade**

Ela pode ter diversas causas e se tornar em sério transtorno para as pessoas. O psiquiatra Carlos Galvão explica isso em seu artigo.

04 **O Dia da Papoula**

Walter Whitton Harris fala sobre o dia em que se realizam cerimônias em memória dos soldados mortos nas duas Grandes Guerras

07 **Um dia na Borgonha**

Carlos Eduardo de Oliveira fez um passeio pela região das vinícolas mais famosas de toda a França e conta o que viu e provou.

10 **Em tempo de crise**

O consultor e palestrante Tom Coelho dá importantes conselhos de gestão empresarial para o tempo das vacas magras.

12 **Aventura em duas rodas**

Alugar uma moto e percorrer a emblemática Rota 66 é só um dos ingredientes desta aventura de Clayton Aguiar e seus amigos nos EUA.

18 **O poetria no milênio**

Goulart Gomes, o poeta criador do poetria, escreve um artigo onde aponta algumas das versáteis características deste terceto brasileiro.

20 **Por que não deixo o Brasil**

Com bastante bom humor, um tanto cáustico em certos momentos, o médico e escritor goiano Eberth Vêncio expõe suas razões.

22 **O melhor presente**

Alessandra Leles Rocha fala um pouco sobre este período mágico propiciado pelo Natal e deixa uma linda mensagem.

23 **Dicas e links na net**

Luciana Gomes Gimenes apresenta algumas dicas e links para quem vai viajar e fazer compras no seu destino lá fora.

24 **Perto...**

Rosa Pena apresenta uma delicada poesia que vasculha os sentimentos em busca dos significados da proximidade e da distância.

Participe!

Envie seu artigo ou comentários e embarque nesta aventura:

rumoeditorial@uol.com.br

ANSIEDADE, esta velha companheira



Por
CARLOS AUGUSTO GALVÃO
Psiquiatra
São Paulo - SP
carlosafgalvao@terra.com.br

A ansiedade é uma sensação desagradável que revela um estado de desconforto, seja por acontecimentos, seja por expectativas, seja por perdas. Trata-se de um sentimento normal no psiquismo humano e que pode ser considerado um mecanismo de defesa; situações ansiogênicas levam o indivíduo a procurar resolvê-las ou fugir delas.

Mas existe também a ansiedade patológica, aquela que independe de infaustos ou causas conhecidas, assola o indivíduo de forma extremamente sofrida e leva a um descontrole do soma humano causando somatizações, que são doenças derivadas do estresse, que é a consequência deste estado de espírito.

Chamamos, na medicina, este estado de “Ansiedade Generalizada”, que também pode ocorrer após um trauma psíquico ou físico de grandes intensidades, quando então a tal ansiedade fisiológica dá lugar à ansiedade patológica.



Ainda não sabemos por inteiro o mecanismo da ansiedade. Sabemos que há maior liberação de adrenalina nos indivíduos expostos, mas ainda engatinhamos no estudo dos neurotransmissores responsáveis; porém para as ansiedades patológicas ou mesmo as muito intensas, já temos tratamento e assim, como proteger o organismo do indivíduo. Sabe-se, todavia, que a ansiedade acompanha o homem desde que este apareceu na face da terra.

Em algumas cavernas onde habitaram homens do período paleolítico, vemos desenhos de seres humanos em diversas atividades: pesca, caça... mas também observamos figuras de pessoas em franca posição de ansiedade: mãos na cabeça, posições de fuga... e por aí.

Há uma corrente que afirma ser a ansiedade a mãe da inteligência humana, pois obriga o homem a exercer sua imaginação criativa para evitá-la. Hoje pela manhã vivenciei um exemplo da importância da ansiedade nas atitudes humanas. Na América pré-colombiana, uma cidade Maia foi abandonada bruscamente por sua população, aparentemente a “toque de tarol”, deixando para trás obras inacabadas como um muro feito pela metade, e ao seu lado a argamassa que usavam inclusive os instrumentos, todos abandonados.

Por muito tempo, especulou-se sobre o que fez com que aquele povo abandonasse a sua cidade, mas, recentemente, descobriu-se que esta cidade foi vítima de uma estiagem prolongada que deixou-a completamente sem água. De manhã, ao tomar banho, pensei nos Maias e no que sentiram enquanto abandonavam sua cidade, imaginando São Paulo sendo abandonada por milhões de pessoas sedentas, caso a estiagem que sofremos se prolongue além do que se espera. Fiquei muito ansioso, e esta ansiedade me fez tomar uma atitude: fechei o registro enquanto me ensaboava.



100 ANOS Dia da PAPOULA



Por
WALTER WHITTON HARRIS
Médico e escritor
São Paulo - SP
wwharris@gmail.com

4

Há 100 anos eclodiu a Primeira Guerra Mundial com a invasão austro-húngara da Sérvia em 28 de julho de 1914. Foi um conflito inglório com 10 milhões de soldados e 7 milhões de civis mortos, além de 20 milhões de feridos e mutilados. Para se ter uma noção do número de vítimas, a população total do Brasil em 1914 era de 38 milhões que, na atualidade, representaria a quase totalidade da população do Estado de São Paulo.

Nos países aliados, em especial os de língua inglesa, o “Dia da Papoula” é um dia muito especial, conhecido como “Poppy Day”, e corresponde ao dia 11 de novembro. É o dia em que são realizadas cerimônias em memória dos soldados tombados nas duas Grandes Guerras do século passado, de 1914-1918 e de 1939-1945.

A data de 11 de novembro coincide com o fim da Primeira Guerra Mundial, quando foi assinado o Armistício em Compiègne, na 11ª hora, do 11º dia, do 11º mês de 1918, após ocorrer o colapso do exército alemão em todas as frentes de batalha. Foi a guerra das trincheiras, com um número impressionante de baixas, que nunca deverá ser esquecido:

37 milhões entre mortos e feridos. Esse foi um levantamento feito pelos Ministérios da Guerra dos países participantes. Jamais se saberá precisamente o número de inválidos, cegos e outros incapacitados para a vida devido ao conflito.

No entanto, a Primeira Grande Guerra foi apenas um ensaio para a Segunda, na qual, apenas o número de judeus e de outros grupos minoritários mortos chegou a equivaler aos que morreram na Primeira Guerra. A catástrofe gerada pela Segunda



Guerra Mundial ainda se reflete no século XXI. Mesmo assim, a memória de muitos é curta e ameaças de novos conflitos mundiais permanecem. Por isso, é tão importante cultivar, para não olvidar, os tombados naquelas duas grandes guerras.

As batalhas travadas na região de Flandres, uma planície subdividida entre Bélgica, França e Holanda, foram verdadeiras carnificinas. A cidade de Ypres foi palco de conquista, reconquista, destruição quase total, gás venenoso e milhares de óbitos. Em 1915, um oficial-médico canadense, John McCrae, após ver muitos de seus amigos caírem nos campos de papoulas vermelhas das planícies de Flandres, escreveu um poema considerado o mais famoso da Primeira Grande Guerra, e que fez com que a papoula se tornasse o símbolo dos soldados mortos em batalha. Entretanto, ele não foi morto em campo. McCrae faleceu de pneumonia em 1918, com 46 anos de idade. Traduzo livremente seu poema:



*Nos campos de Flandres as papoulas se dobram ao vento
Entre as cruzes, fila após fila,
Que marcam nosso lugar; e no céu
Cantando heroicamente, as cotovias voam
Quase não ouvidas entre canhões a toar em terra.*



*Somos os Mortos. Há poucos dias
Vivíamos, sentíamos a aurora, víamos o pôr do sol,
Amávamos e éramos amados, e agora estamos deitados
Nos campos de Flandres.*

*Assumam nossa luta com o inimigo:
A vocês, com mãos débeis lançamos
A tocha; para ser de vocês para segurar ao alto.
Se romperem a fé depositada por nós que morremos
Não dormiremos em paz, embora papoulas cresçam
Nos campos de Flandres.*

O primeiro “Dia da Papoula” foi celebrado em 1921 e papoulas foram levadas de Flandres para a Inglaterra, decisão influenciada pelo poema de McCrae. Mais tarde, veteranos incapacitados abriram uma fábrica de papoulas artificiais que são vendidas, anualmente, no “Dia da Papoula”.

Todos usam a papoula vermelha presa à sua roupa.

Este ano, em homenagem aos mortos na Primeira Grande Guerra, quase um milhão de papoulas de cerâmica foram postas no fosso que circunda a Torre de Londres, produzindo o efeito de “sangue em terra e mar”.

Na Catedral Anglicana de São Paulo, no domingo mais próximo de 11 de novembro, comparecem prelados de vários credos, representantes militares do Brasil e de outros países tradicionalmente aliados, e das Legiões Britânica, Francesa e Belga. São lidos os nomes dos membros da comunidade inglesa em São Paulo que deram suas vidas nas duas guerras mundiais. É uma cerimônia muito emocionante.

A arrecadação com a venda das papoulas artificiais vai para o Fundo Haig, nome dado em homenagem ao Marechal de Campo Sir

Douglas Haig, comandante das forças aliadas na frente oeste durante a Primeira Guerra. Este fundo levanta recursos para ajudar mutilados de guerra, geralmente de outras guerras que não as supramencionadas, porque a maioria dos sobreviventes daquelas já se foi.

O Presidente da Legião Britânica finaliza a cerimônia, após ter lido os nomes dos mortos, com as seguintes palavras: “*Eles não envelhecerão, como foi deixado para nós envelhecermos. A idade não os cansará, nem os anos os condenarão. No crepúsculo e ao amanhecer, sempre nos lembraremos deles*”.

Em novembro de 1918, uma professora americana e humanista, Moina Michael, escreveu um poema-resposta ao de McCrae, intitulado “Manteremos a Fé”, que traduzo também livremente:

6

*Oh! vocês que dormem nos campos de Flandres,
Durmam bem – para se erguer renovados!
Pegamos a tocha que nos jogou
E segurando-o ao alto, manteremos a Fé
Por Todos que morreram.*

*Também apreciamos as papoulas vermelhas
Que crescem nos campos de lutas gloriosas;
Parecem sinalizar aos céus
Que o sangue de heróis não desvanece
Mas dá cor acentuada
À flor que permeia entre os mortos
Nos campos de Flandres.*

*Usaremos em honra aos nossos mortos
A tocha e a papoula vermelha.*





Por
CARLOS EDUARDO DE OLIVEIRA
Engenheiro
Santo André - SP
carlos@sabbahi.com.br

Às margens do Romanée-Conti eu sentei e chupei uvas

Uma breve história de um dia na Borgonha

Salut, mes amis!

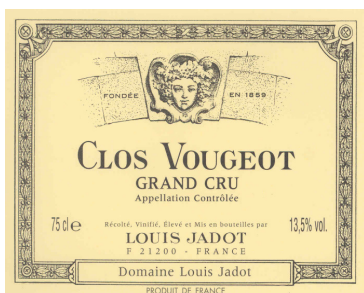
A cada vez que eu conto essa história, cada vez mais ela me parece aquelas histórias de realismo fantástico, tal a sensação de que vivi um sonho. Na nossa terceira viagem à França, finalmente tivemos a oportunidade de conhecer aquela que talvez seja a mais emblemática região vinícola do mundo: a Borgonha.

Durante um dia da nossa estadia em Beaune, a “capital” dos vinhedos borgonheses, fizemos um *tour* pelos vinhedos com a agência de uma guia brasileira, que vivia ali há oito anos e que eu havia conhecido em uma feira de vinhos aqui em São Paulo. Este passeio é realmente fantástico para um amante de vinhos.

Como no dia anterior, quando viemos de Dijon para Beaune, já tínhamos passado pelos vilarejos mais ao norte da Côte d’Or, a encosta que é o “coração” da Borgonha - ali se encontram todos os vinhedos *Grand Cru* da região - decidimos iniciar nossa jornada pela colina de Aloxe-Corton. Ali a guia nos explicou o motivo peculiar da

colina conter o único vinhedo *Grand Cru* de vinho branco da Côte de Nuits: o imperador Carlos Magno, ao “conquistar” a Borgonha, procurou o melhor *terroir* para fornecer vinhos à sua corte, encontrando aquela colina sem igual, onde a neve era derretida primeiramente pelos incipientes raios de sol do início da primavera. Como nesta colina só se cultivava *pinot noir*, ele ordenou que se arrancassem umas vinhas e ali se plantasse *chardonnay* para a produção de vinho branco, pois o tinto lhe manchava a vasta barba branca. Sua esposa reclamava da sua aparência desleixada quando ele bebia vinho tinto...





Depois visitamos o Château du Clos Vougeot, antiga abadia dos monges cistercienses, pioneiros vinicultores que realizaram o trabalho hercúleo de classificar, separar e cultivar os vinhedos e ali produzir ótimos vinhos já nos idos do século XII. Em seguida, fomos conhecer Vosne-Romanée, o vilarejo detentor dos mais conhecidos vinhedos da Borgonha, a maior quantidade de *Grands Crus* por hectare. Passamos pelas discretas (!) instalações do DRC, o Domaine de la Romanée Conti - talvez o produtor mais prestigiado do mundo - e de seu proprietário, Monsieur Albert de Villaine. Fomos conhecer os vinhedos, localizados às margens de uma antiga estrada romana, “la Romanée”: o “clos”, ou vinhedo murado de la Romanée-Conti, contemporâneo à presença dos romanos na região; os vinhedos de Romanée Saint-Vivant, bem nos fundos das casas do vilarejo, la Tâche, la Grande Rue...

Atravessando a rua à frente de la Romanée-Conti, de Romanée Saint-Vivant pudemos roubar uns bagos do pé, e foi o lugar onde primeiro eu experimentei uma uva vinífera, sendo surpreendido pela doçura extrema da *pinot noir*; no final de agosto e com o tempo quente e seco daquele ano, as uvas já se encontravam perto do estado ótimo de maturação, inclusive alguns produtores já faziam a colheita. Sua casca é negra e o bago é bem branquinho, o que justifica a cor delicada e a dificuldade de se obter esta cor nos vinhos de *pinot noir*.

Foi mesmo uma jornada inesquecível e tenho muitas outras histórias pra contar, mas vou deixar um pouco para as próximas edições...

Au revoir! Santé!





Dica do mês

Estamos no verão, época de comidas e vinhos leves, muito calor, sol, praia, piscina... Então, não há nada como um vinhozinho refrescante, leve, geladinho, para o aperitivo, ou para acompanhar aquele peixinho e a salada.

Temos uma grande e qualificada variedade de espumantes nacionais, geralmente à base de *chardonnay*, *riesling itálico* e *pinot noir*. Nossos “prosecco” também atingem um nível de qualidade muito bom e temos ainda os espumantes moscatéis, mais leves e docinhos, que vão bem sozinhos, com sobremesa, frutas e panetone.

Ainda entre os espumantes, quem está disposto a gastar um pouco mais pode partir para os *moscatos d’Asti* e *franciacortas italianos*, as *cavas espanholas*, os *crémants* ou *champagne franceses*. Já experimentei bons *crémants* da Borgonha ou da Alsácia que rivalizam em qualidade com bons *champagnes*, por um preço bem melhor...

Quanto aos vinhos tranquilos, temos no Brasil algumas boas opções de *chardonnay* leves, sem madeira, alguns *rieslings*, *sauvignons* e *viogniers*. No Chile encontramos ótimos *sauvignons*, bem como da Nova Zelândia, também com bons preços. Na França temos ótimos brancos leves no vale do Loire (*Muscadet*, *Sancerre*, *Pouilly Fumé* e *Vouvray*, este um pouco mais adocicado), na Alsácia, na Borgonha (*Chablis*). E da Itália nos chegam boas opções desde os mais simples *Soave*, ótimos *pinot griggio* e *vermentinos*. Da península ibérica, temos os aromáticos vinhos de alvarinho, que caem tão bem para acompanhar pratos leves de peixe. E a Alemanha, que produz inigualáveis *rieslings* principalmente no vale do Reno.

Isso sem falar dos rosés, com exemplares nacionais de ótima relação preço/qualidade - do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina - além de outras opções como os levíssimos e aromáticos provençais, rosés do vale do Loire (um pouco mais suaves), rosados espanhóis de Navarra, entre diversas outras alternativas.

Qualquer um desses vinhos é uma ótima opção para dias de calor, ao lado de um aperitivo ou um prato leve; sem excessos a diversão estará garantida!

SAIBA MAIS EM
CONSERVADO NO VINHO

<http://www.conservadonovinho.blogspot.com.br/>





GESTÃO EMPRESARIAL em tempo de crise



Por
TOM COELHO
Eduçador, conferencista
e escritor
São Paulo - SP
tomcoelho@tomcoelho.com.br

10

Se o término das eleições definiu o cenário político para os próximos anos, o mesmo não se pode dizer com relação às perspectivas econômicas. Nossa atual conjuntura aponta para um crescimento próximo a zero neste ano e grande pessimismo para 2015. A inflação ultrapassou a meta definida, os gastos públicos bateram recorde, voltamos a ter déficit nas transações internacionais, a renda *per capita* encolheu e a indústria perde continuamente participação no PIB nacional. Até mesmo o desemprego em queda é ilusório, haja vista que é mensurado com base na estatística de pessoas que estão em busca de emprego, índice este declinante em decorrência dos programas sociais. Prova disso é que os pedidos de seguro-desemprego estão em ascensão, podendo atingir nove milhões de pessoas neste ano, o que pode ser qualificado como, no mínimo, contraditório.

Economistas e cientistas políticos concordam que a correção da rota passa pelas reformas política, fiscal e tributária. O governo precisa elevar sua poupança, reduzir os gastos da máquina e ao mesmo tempo investir em infraestrutura; necessita aumentar a arrecadação, mas diminuir a carga tributária para estimular a produção e elevar a competitividade.

Enquanto esses impasses são discutidos, cabe aos empresários cuidarem de seus próprios negócios. Afinal, a macroeconomia tem impacto no longo prazo e a gestão microeconômica tem que ser feita aqui e agora. Seguem sete passos para reflexão:

1

REPENSAR O NEGÓCIO. Analise seus produtos e/ou serviços considerando as demandas dos consumidores e as ações de sua concorrência. Você poderá concluir que é hora de reduzir

seu portfólio, enfatizando os itens mais expressivos onde sua competitividade seja maior, ou ampliar a carteira, buscando atingir novos nichos de mercado.

2

PLANEJAR. Elabore um plano estratégico para um horizonte mínimo de doze meses, tendo em vista três cenários possíveis: estagnação, com manutenção das vendas obtidas no decorrer deste

ano; retração, com queda nos resultados; e evolução, com crescimento do faturamento. Prepare-se para agir diante de qualquer situação conjuntural.

3

REDUZIR CUSTOS. Verifique todos os seus processos, de administrativos a operacionais, a fim de identificar meios para cortar custos sem evidentemente impactar a

qualidade. Isso poderá conduzir à necessidade de investimentos em infraestrutura possibilitando elevar a efetividade, ou seja, fazer mais e melhor com menos recursos físicos e financeiros, envolvendo também menos tempo e pessoas.

4

ADMINISTRAR AS FINANÇAS. A falta de capital de giro é um dos maiores problemas corporativos, em especial das empresas de pequeno e médio porte. Por isso, é necessário ter

austeridade na gestão do caixa. Isso significa cuidado na obtenção de crédito e vigília constante dos índices de endividamento, pois é impossível vencer os juros compostos. Atenção também com as vendas a prazo e com o sistema de cobrança dos inadimplentes.

5

CAPACITAR A EQUIPE. O caminho para elevar a produtividade e, conseqüentemente, a competitividade, passa pelo investimento em sua equipe.

Considerando-se o baixo nível de preparo com que os profissionais chegam ao mercado, decorrência direta da qualidade de nosso ensino, cabe a você instruir, treinar e desenvolver seus funcionários. Assegure-se de que estão alinhados à cultura de sua empresa, que conhecem seus produtos e/ou serviços, e que entregam aos clientes internos e externos um atendimento exemplar. Trabalhe para elevar o nível de engajamento deles, através de políticas de remuneração variável baseadas no êxito, programas de reconhecimento e valorização e construção de um clima organizacional próspero. E, como sempre digo, lembre-se: contrate devagar, mas demita rápido.

6

VENDER MAIS. O coração de qualquer empresa está no departamento comercial, responsável pela origem das receitas. Para apoiá-lo, acione os mais diversos instrumentos de *marketing*, buscando mostrar-se

ao mercado e difundir seus diferenciais. Você pode optar por campanhas para promover o desejo e o impulso do consumidor por seu produto e/ou serviço, ou ações mais institucionais capazes de potencializar a credibilidade e a reputação da marca. Escolha os meios e veículos adequados para divulgação e não desconsidere a força das mídias sociais.

7

ADMINISTRAR IMPOSTOS. Quanto mais competitivo for o seu mercado de atuação, impondo margens menores que exigem volumes crescentes para alcançar resultados satisfatórios, mais

relevante será o cuidado com a carga tributária que impacta o seu negócio. Assim, consulte seu contador sobre a viabilidade em alterar seu regime de tributação do lucro real para o presumido ou aderir ao Simples. Considere também a possibilidade de desmembrar sua companhia em duas, ambas optantes pelo Simples, a fim de distribuir o faturamento e usufruir de alíquotas reduzidas. Consulte também outras formas de elisão fiscal (redução legal de tributos).

Todas essas ações básicas são essenciais para perseguir a sustentabilidade de seu negócio, embora não sejam as únicas, nem tampouco garantia plena de sucesso. Mas elas estão ao seu alcance e independem das decisões tomadas em âmbito político.

Tom Coelho é educador, conferencista e escritor com artigos publicados em 17 países. É autor de "Somos Maus Amantes – Reflexões sobre carreira, liderança e comportamento", "Sete Vidas – Lições para construir seu equilíbrio pessoal e profissional" e coautor de outras seis obras.

Visite:

www.tomcoelho.com.br

AVENTURA

em duas rodas



Por
CLAYTON CÉSAR AGUIAR
Tecnólogo de Processos
São Bernardo do Campo - SP
claytoncesaraguiar@gmail.com



12

Moto e liberdade são duas coisas que sempre andaram juntas na imaginação do homem. E talvez seja o maior apelo “marquetológico” de muitas marcas: pegar a estrada, deixar os problemas para trás, experimentar o novo, a liberdade, o desconhecido. Para os fãs, Neil Peart, baterista da banda Rush escreveu o livro “Estrada da Cura”, onde relata suas mais de 55.000 milhas de estradas sobre sua BMW R1100GS após um período trágico em que perdeu sua esposa e filha, buscando retomar sentido à vida. Há este estado de espírito que se alcança ao se deparar com a estrada.

Além da liberdade, há também um ar de rebeldia que se pode alcançar ao rodar de moto. Desde “Easy Rider”, filme de 1969, muita gente se identificou com o jeito rebelde e diferente de dizer ao mundo “estou cansado de suas regras, quero ser eu mesmo”. Um jeito estiloso de não dar a mínima para o que te dizem, ou talvez simplesmente pegar a estrada para esquecer o mundo de obrigações e compromissos.

Seja qual a razão, ou mesmo a combinação de ambos, fato é: em 2012 quando comprei minha primeira moto, já aos 33 anos de idade, eu sabia que tinha achado o *hobby* que tanto estava procurando. Meu estilo é estradeiro, assim como a maioria dos meus amigos motociclistas. Velocidade não é com a

gente! Gostamos de ver a paisagem, curtir as curvas, sentir as diferentes temperaturas. Gostamos da visão panorâmica que a moto nos proporciona. Fácil concluir então que a alegria do motociclista estradeiro é a combinação de dois elementos: moto e estrada. E a busca pela estrada perfeita é tão ou mais romântica que a busca do surfista por sua onda.

Com o advento da internet, ficou mais fácil pesquisar os roteiros mais famosos e incríveis do mundo. Vários deles estão nos Estados Unidos. Em uma de nossas muitas voltas pelo interior de São Paulo num fim de semana, a ideia surgiu: vamos até lá!



Desde “Easy Rider”, filme de 1969, muita gente se identificou com o jeito rebelde e diferente de dizer ao mundo “estou cansado de suas regras, quero ser eu mesmo”.

A PREPARAÇÃO

Aproveito para mais uma vez agradecer a Internet. Como a vida ficou mais fácil!

Decidimos fazer tudo por conta própria: roteiro, hotéis, pontos de interesse, aluguel das motos. Existem agências especializadas neste tipo de roteiro, onde se pode comprar um pacote completo, com tudo incluso, inclusive carros de apoio. Onde está a aventura quando se tem uma *van* com água gelada te acompanhando o tempo todo?

Os dois roteiros mais conhecidos são a famosíssima Rota 66, que une a costa Leste à Oeste, e a “Highway 1”, em seu trecho mais famoso entre São Francisco e Los Angeles. A Rota 66 tem quase 4.000km e requer algo como



Na agência, retirando as motos.

oito dias de viagem. A Highway 1, neste trecho mais famoso, tem algo como 800km. Difícil decisão a se tomar, já que ambas são muito bonitas e famosas e oferecem paisagens bem diferentes. Enquanto a Highway 1 é costeira e proporciona uma das melhores vistas do pacífico, a Rota 66 cruza o deserto americano, a região de Canyons e regiões de floresta, cidades. Difícil escolha... mas, por que escolher uma quando se pode ter as duas? Olhamos o mapa, imaginamos o roteiro e decidimos que poderíamos fazer ambas, com a condição de não percorrer toda a Rota 66.

Daí em diante, a preparação foi toda pela internet: usamos mapas para determinar cidades das paradas, fizemos reservas de hotéis pela internet, buscamos agências de locação de motos.



O PASSEIO

Nosso primeiro destino foi São Francisco. Pegaríamos as motos lá, mas resolvemos ficar alguns dias para aproveitar a cidade. Ótima cidade, cheia de diversidade e lindas paisagens: Ilha de Alcatraz, Golden Gate bridge e Lombard Street, a rua mais sinuosa do mundo. Aproveitamos para ir até uma das lojas da Harley em São Francisco. Para os entusiastas, o banho de loja dos sonhos: muita variedade de artigos e preços americanos!

No terceiro dia, chegamos à agência para pegar as motos. Alugamos 5 motos, sendo 4 Electra Glide e 1 Street Glide. As motos são muito mais pesadas daquelas que estávamos acostumados. Somando as malas, a coisa ficou bem pesada, o que me resultou no meu primeiro tombo de moto... foi difícil segurar a moto e com pequena inclinação, chão! Mas sem maiores complicações, tínhamos contratado seguro completo e a moto sofreu apenas arranhões. Bom para aprender. Pegamos as motos dali e direto para estrada. Na estrada, as motos mostram seu talento: muito confortáveis e estáveis, garantindo tranquilidade e prazer para trechos longos. O primeiro dia usamos para chegar até o primeiro destino: Monterey. A aventura estava prestes a começar!



A turma toda na Highway 1 (da esq.p/dir): Fernando Gonsalez, Giliard Guerreiro, Sidnei Silva, Marcos Reis, Juliana Beliago, Karin Elbers e Clayton Aguiar



14

HIGHWAY 1

De Monterey a Los Angeles, pelos próximos dois dias, seguimos pela Highway 1. Quando a primeira vista da costa se abriu... uau! Entendemos por que esta é uma das estradas com a vista mais bonita do mundo. A costa do pacífico nesta região é bem diferente das imagens de costa que temos no Brasil: sem praias, região seca e montanhosa e a estrada em um aclive que dá quase que direto na água. Em Big Sur, há uma cachoeira que cai direto na água do mar!

Graças ao roteiro que a locadora de motos customizou para nós, fizemos várias paradas pelo caminho em parques, dunas, mirantes (*view points*). Já tinha valido a pena.

Chegamos e passamos dois dias em Los Angeles para conhecer a cidade, com direito a uma voltinha estilosa de moto pela Hollywood Boulevard à noite.

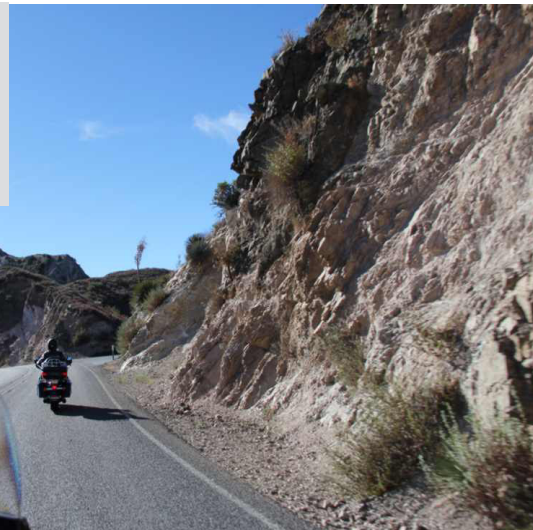
*Quando a primeira
vista da costa se
abriu... uau!
Entendemos por
que esta é uma das
estradas com a
vista mais bonita do
mundo.*



HIGHWAY 2

Aqui vale uma pequena explicação sobre a Rota 66. Esta rota é muito antiga e foi “engolida” pelas cidades e novas estradas. Já assistiu o desenho “Carros”? Pois é exatamente como descrevem. Hoje em dia, portanto, você vai até o Pier de Santa Monica, onde a clássica placa de fim da Rota 66 está, mas não consegue segui-la, pois ela se transformou nas ruas da cidade hoje, ou foi sobreposta por prédios. Você só vai achar a histórica Rota 66 bem depois de Los Angeles.

Portanto, a rota sugerida pela agência foi a Highway 2, que começa ao norte de Los Angeles e segue em direção Leste, onde mais tarde encontraríamos a Rota 66. Bom, você já tinha ouvido falar da Highway 2? Nós também não, ela não é famosa por aqui, mas foi a maior surpresa da viagem! Que estrada! Ao chegarmos nela, em um domingo de manhã, já vimos uma quantidade enorme de motos passando por nós no sentido contrário e mais um bocado na nossa mesma direção, indicação excelente para qualquer motociclista que tínhamos acertado. A estrada é hiper sinuosa e sobe até uma altitude de mais de 8.000 pés! Chegando ao fim, era possível avistar a vastidão do deserto que nos esperava. Alguns dos amigos de viagem a elegeram como o melhor trecho da viagem. Terminamos este trecho passando por San Bernardino National Park até chegarmos à lendária Rota 66.



Você já tinha ouvido falar da Highway 2? Nós também não, ela não é famosa por aqui, mas foi a maior surpresa da viagem!



ROTA 66

Fomos encontrar a Rota 66 bem distantes de Los Angeles, já no trecho inicial de deserto. Assim como no desenho, neste trecho ela roda paralela à nova 15. Mas, claro, ficamos na Rota 66 pelo *glamour*. O que encontramos nos deu certa tristeza: a 66 está mesmo abandonada, com rachaduras e oferece até certo perigo para o motociclista. Uma grande pena.

Chegamos em Barstow, onde passamos a noite, para no dia seguinte seguirmos a Rota 66. Paramos para tirar as famosas fotos com o emblema da estrada, o que dá para fazer com tranquilidade já que praticamente ninguém usa a estrada hoje em dia. O visual é emblemático e nos sentimos como nos filmes. Valeu muito a pena.

A temperatura já estava nos 39 graus quando pegamos o caminho do deserto de Mojave, palco de vários filmes de extraterrestres, laboratórios secretos subterrâneos e as famosas “Joshua Tree”, título de um dos discos mais famosos da banda U2.

Este trecho foi muito bonito mas talvez o mais pesado. Foram quase 3 horas de deserto, com a paisagem variando muito pouco, altíssima temperatura e sem nenhum ponto de parada. Ah, não pense em deserto aqui como no Saara, somente com areia. O deserto nos Estados Unidos é caracterizado pela vegetação seca e altas temperaturas, sem areia. As estradas são de asfalto, apesar de a temperatura provocar rachaduras.

Nosso destino final se aproximava, Las Vegas. Chegamos bem e cansados, e deixamos para aproveitar a cidade mais à noite. O que fizemos em Las Vegas? Não é o foco aqui. Além do mais, o que acontece em Vegas...

16



A temperatura já estava nos 39 graus quando pegamos o caminho do deserto de Mojave, palco de vários filmes de extraterrestres



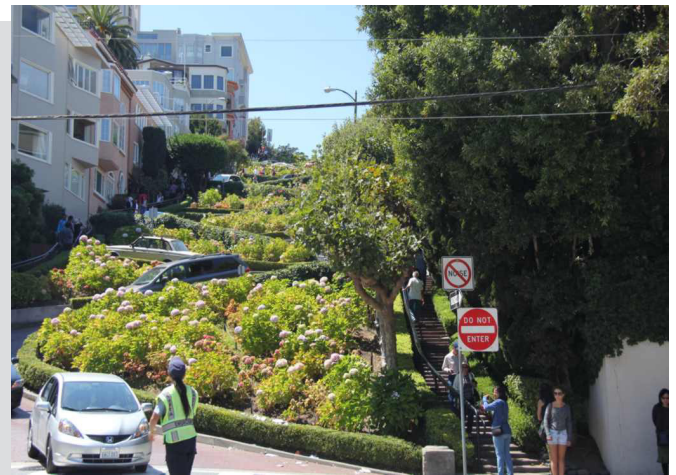


CONCLUSÕES

Todos voltamos extremamente satisfeitos e felizes desta viagem. Terminamos uma grande aventura com segurança, sem nenhum acidente, e tendo experimentado o que há de melhor em viagens de moto: paisagens exuberantes, mar, estradas sinuosas, deserto. Em 8 dias conseguimos variar e muito o palco de nossas aventuras.

Unanimidade entre nós foi o fato de termos acertado em fazer toda a viagem por nossa conta, sem apoio de agências. Tivemos liberdade de horários e itinerário e pudemos satisfazer vontades individuais ou coletivas como bem quiséssemos.

Por fim, um agradecimento especial à California Motorcycle Rental por ter dado um toque especial ao nosso roteiro, indicando paradas e dando dicas de locais e trechos que não conheceríamos se não fosse a indicação deles.



Lombard Street - São Francisco



SAIBA MAIS

SOBRE A ROTA 66 >>> <http://historicarota66.blogspot.com.br/>

SOBRE ALUGUEL DE MOTOS NOS EUA

<http://www.abratour.com.br/viagens-internacionais/aluguel-de-moto-nos-estados-unidos-precos-e-condicoes/>

SOBRE ALUGUEL DE MOTOS NOS EUA

O **POETRIX** e o nosso milênio: **AMISTOSIDADE, LUDICIDADE e CONCIABILIDADE**



Por
GOULART GOMES
Poeta e criador do poetrrix
Salvador - BA
goulartgomes@hotmail.com

18

Neste ano de 2014, o POETRIX completou quinze anos de criação, considerada como marco inicial a divulgação do Manifesto Poetrrix, publicado no livro *Trix, Poemetos Tropi-Kais*, de minha autoria, que teve seu lançamento na Bienal do Livro da Bahia, em 1999. Este irmão caçula das linguagens literárias está em sua primeira infância, ainda engatinhando, comparado ao seu avô, o haikai, que tem cerca de 1.000 anos. Contudo, a sua propagação no Brasil é tão grande quanto a do seu ancestral, para não falarmos da sua divulgação em Portugal e nos países hispano-hablantes.

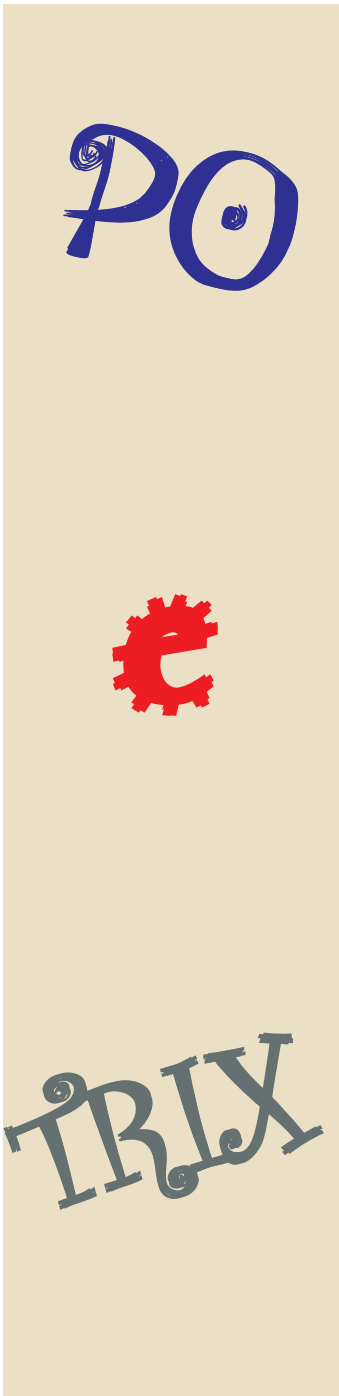
Impulsionado pelos grupos e redes sociais em um “case” exemplar de *marketing* viral, contaminou *desktops*, *notebooks*, celulares, *tablets*, *smartphones*, *iphones* e *ipads*, indo muito além do seu codinome inicial - “O Poeminha da Internet” - e da tradicional mídia impressa.

E o que teria levado o poetrrix a contar com centenas de milhares de tercetos publicados nos ambientes virtuais, por centenas de autores, em tão pouco tempo? Numa análise superficial, mas não supérflua, podemos facilmente atribuir alguns fatores a este

sucesso. Em um artigo anterior, intitulado “Poetrrix, uma proposta para o novo milênio”, já discorremos a respeito da total correlação entre o poetrrix e os princípios enunciados por Ítalo Calvino, em *Seis Propostas para o Próximo Milênio: Leveza, Rapidez, Exatidão, Visibilidade e Multiplicidade*. Mas além destes, temos outros elementos que podem ser a ele associados, numa leitura em contexto midiático. Assim, tomo emprestado termos de outras áreas de conhecimento, para expressar o atual momento do Poetrrix.



CONHEÇA Movimento Internacional Poetrrix
<http://www.movimentopoetrrix.com/>



O primeiro deles seria a **AMISTOSIDADE**. O poetrix tem essa qualidade de ser simpático e atraente à primeira vista. A possibilidade de ser humorístico, sarcástico, crítico, político, romântico ou erótico - para citar apenas algumas - cria alternativas variadas, provocando a empatia com quem o conhece pela primeira vez, sendo atraído por sua riqueza e diversidade. Como em todos os processos artísticos, produzir uma obra de maior qualidade - atingir o 'estado da arte' - não é uma tarefa fácil. E não é diferente com o poetrix. É preciso minimalizar muito para fazer um grande poetrix. A grande diferença é que a sua simplicidade permite ao novo praticante uma rápida assimilação dos seus critérios, reduzindo o tempo entre a absorção da teoria e a sua prática.

Outra característica do poetrix é a sua **LUDICIDADE**, o que tem propiciado que crianças e adolescentes sejam "iniciados" ao universo da arte não apenas pelas artes plásticas, música e dança, mas também pela literatura. Incessantemente recebemos relatos, provindos de diversas cidades do Brasil, sobre exitosas oficinas de poetrix, promovidas pelos professores, com crianças de todas as idades, chegando mesmo à publicação de livretos, estimulando a criatividade e o conhecimento, permitindo interações, de uma forma alegre e divertida, princípios fundamentais do "aprender com prazer". Esta vertente pedagógica do poetrix é para nós supreeendente e gratificante, propulsionando-o a um "status" que jamais teríamos imaginado. Deste exercício, já decorrem várias monografias e trabalhos acadêmicos inspirados nos resultados obtidos.

Por fim, a sua **CONCIABILIDADE**, que faculta o seu diálogo e assimilação por todas as mídias, técnicas e tecnologias. Como texto, o poetrix atende às limitações de um *twitter* ou *SMS*; como imagem, pode ser veiculado em um *Instagram* ou *WhatsApp*; pode ser pintado em uma tela, fotografado, se tornar um *móbile* ou um *banner*; pode estar escrito na efemeridade da areia ou na perenidade do granito.

Sabemos que a literatura permanece, mas que suas formas de veiculação se transformam ao longo do tempo: da escrita cuneiforme ao armazenamento em nuvens (*clouds*), aonde os poetas vivem, diga-se de passagem. O poetrix, tão moderno e tão eterno, perpassa tudo isso que vivemos, e ainda o que está por vir. Como habitualmente dizemos, é uma pílula, pronta a ser ingerida, e com os mais saborosos efeitos colaterais. Experimente sem moderação.

LEIA TAMBÉM "Poetrix, uma proposta para o novo milênio"
<http://www.movimentopoetrix.com/visualizar.php?id=274558>)

motivos pra não me mudar do **BRASIL**



Por
EBERTH FRANCO VÊNCIO
Médico, Escritor e Empresário
Goiânia - GO
eberthdr@terra.com.br



20



As aves. As aves que aqui gorjeiam não gorjeiam como lá. Ora, não me lancem artilharia pesada. Guardem suas pedras para quebrar as asas da imaginação, que esse mundo não passa mesmo disso: pura ilusão. “É plágio”, vão me acusar. Putz! Não estou plagiando Gonçalves Dias, estou citando Gonçalves Dias. E por falar na luz do dia, as nossas noites são muito mais lindas que as noites deles. Quem nunca mirou o céu estrelado do centro-oeste brasileiro sem se descobrir pequeno, sem se sentir insignificante, um perdedor, não sabe o que está ganhando.

É fato: os corruptos que aqui saqueiam saqueiam como lá, eu sei disso, só que em menor grau. Há pouco a se comemorar, mas, brasileiro – vocês sabem – adora confraternização, um churrasquinho na laje, ponto facultativo, um feriado santo pra cair na margaça. Brindemos, então, com a bile dos desdentados: de acordo com um recente relatório da organização Transparência Internacional, quanto à percepção de corrupção ao redor do mundo, o Brasil ficou classificado na posição 69 do *ranking* (Uau! O petróleo e o bola-gato são nossos!!) dentre 175 países analisados. Em termos de maracutaia, tem país pior que a gente. Notem: além da carteira que me bateram ontem, nem tudo está perdido.



Cresce entre os asseclas do meu convívio o desejo de dar no pé, de cair fora do país, de tentar a sorte no estrangeiro. Uma legião de indignados justifica a intenção de se escafeder alegando que a violência tá demais, que a impunidade tá demais, que a saúde pública tá de menos, que o governo (em todas as esferas) e seus apaniguados estão roubando pra caramba, muito além da média histórica desde que as caravelas aqui aportaram para distribuir espelhos e treponemas aos índios.

Com tanta gente cogitando abandonar o navio (ou essa constatação é um viés, uma percepção elitista equivocada?), cisme em anotar alguns motivos plausíveis para não mudar do Brasil, se é que outras nações cobicem tanto assim a nossa companhia. Receio que não sejamos tão simpáticos e bem-vindos quanto imaginamos. Uma coisa foi nos embebedarmos com os gringos durante um mês inteiro de Copa do Mundo de Futebol. Farra boa, eu reconheço. Outra coisa é dividirmos o teto, compartilharmos quilos de sal, disputarmos mercado de trabalho com eles. Brasileiro – eles dizem – são criaturas divertidas, mas, pouco confiáveis.

Parando pra pensar, além das aves gorjeadoras, do céu estrelado, e da parentalha querida, eu penso que não posso me mandar do Brasil por causa do carnaval, por exemplo. São para mim quatro dias oficiais de ócio garantido para que eu suma do mapa carnavalesco e permaneça numa distância segura dos trios elétricos, dos bebuns inconvenientes (detesto gente com excesso de alegria), das colombinas trepadeiras sem tutano, do cheiro de ureia que impregna as ruas durante o reinado de Momo (nem mesmo com sabão Omo, a catinga sai).

Também não devo cascar fora daqui por causa das praias: considerando que o Brasil conta com mais de sete mil quilômetros de litoral, posso perfeitamente vislumbrar o vai e vem das ondas, à distância, sentado no calçadão, à sombra de um coqueiro, longe de meter os pés na areia, de sapecar o lombo esquálido no sol escaldante, de tolerar o enxame de ambulantes, de me perder entre bundas sorridentes besuntadas com bronzeador. Eis o meu plano: tomar chope devagar, divagar por que a vida passa apressada.

Sexo. Por causa do sexo, digo ao povo que fico. Uma recente enquete entre jovens executivos nos toaletes da ONU revelou que o Brasil é a nação do globo onde as pessoas mais fazem sexo. Amar ou deixar? Amar, é claro.

Povo. O povo brasileiro. O povo brasileiro é mesmo um povo generoso, solidário, religioso e trabalhador. Quase sempre desonesto, é verdade, mas ninguém é perfeito. A piada, por fim, se repete: tem gente que prefere vulcão, tornado, inundação, a terra que treme, um prédio que cai. Apesar de tudo, eu ainda prefiro as pessoas. Então vou ficando por aqui mesmo. Junto e misturado com os meus irmãos de fé (ou da falta dela).





Por:
ALESSANDRA LELES ROCHA
Professora, Bióloga e Escritora
Uberlândia - MG
alessandrালেlesrocha@hotmail.com



O MELHOR *presente*

22 Independentemente de qual seja a profissão de fé do indivíduo, o mundo se vê às voltas de mais um Natal e a época é perfeita para grandes e profundas reflexões; afinal, por detrás da simbologia cristã do nascimento do Salvador, encontra-se a maior de todas as lições: o amor. Natal é exatamente isso, amar! Diante das idas e vindas, das vitórias e fracassos, dos encontros e desencontros, das uniões e rupturas, o que nos move em maior ou menor intensidade é o amor. Seja pelas pessoas, pelos sonhos, pelo trabalho, pela vida, enfim... é essa força invisível e mística que nos compele a sairmos de nossos casulos e sermos gente de carne, osso, defeitos e qualidades mil.

E depois de mais um ciclo de trezentos e sessenta e cinco dias não há como não enxergar as transformações ocorridas, as metamorfoses enigmáticas que nos arrebataram o corpo e a alma, e parar para um balanço; ainda, que o mundo pareça fervilhar a multidão de viventes entre os preparativos para os acontecimentos festivos do fim de ano. Por fora é isso mesmo; mas, por dentro o pensamento divaga, desacelera e se permite um pouco de sensibilidade à flor da pele.

Hora de pensar na vastidão do coletivo, nos nossos valores humanos, nos rumos do planeta, nas nossas expectativas,... hora de realmente pensar e apesar de todos os apelos consumistas e materialistas, de repente nos perguntamos então, qual é o melhor presente de Natal? A pergunta não impõe resposta certa ou errada, nem tampouco é excludente; apenas nos indaga sobre qual a nossa posição sobre o melhor.

É! O melhor deveria ser aquilo que nos completa em todos os sentidos, que não vai perder a importância mediante os modismos, que nos trará para bem perto daquilo que se chama “felicidade”, que não precisa de papel de presente

e nem cartão, que não cabe nas mãos e extrapola a alma, que não será entregue pelo “Papai Noel” e nem será deixado sob a árvore decorada, que não será comprado em dinheiro e nem parcelado no cartão de crédito.

Tão simples e ao mesmo tempo tão complexo! De repente o melhor presente está dentro de cada um de nós e para desfrutá-lo basta apenas a nossa disposição em SER. Vivemos em um mundo que mistura o real e o virtual, que impõe regras perversas e inquisidoras, que fomenta a intolerância e a discórdia, que ensina a diminuir o outro para se ver enaltecido, que rotula, que segrega, que oprime, que maltrata até adoecer o indivíduo... e depois presenteia e comemora o Natal.

O melhor presente está no amor, esse sentimento universal. O amor que respeita as diferenças, que se desdobra em laços singulares de afeto, que colore, que dá vida, que renasce a esperança, que desenha a fraternidade, que supera as ideologias, que ultrapassa os muros e esgarça as fronteiras. O melhor presente é a mão estendida, é o afago na hora da dor, o silêncio reconfortante, a presença ainda que ausente, a parceria, o diálogo,... e muito mais que brota desse amor.

Na incompletude humana, estamos sempre em busca de nos satisfazermos material, afetiva, socialmente. Por isso, tantos presentes para aplacar a nossa tristeza, a nossa angústia, a nossa inquietude etc. etc. etc. Natais e mais Natais sucedidos dos mesmos ritos, das mesmas festas, para no fim das contas nos darmos conta de não termos recebido o melhor presente. Não adianta esperarmos passivamente o melhor presente através do mundo; o mundo somos nós e é de cada indivíduo que o melhor presente virá. Isso não é sonho, nem utopia; mas, uma verdade inconteste que se comprova em cada lugar onde o índice de felicidade já foi avaliado pela Organização das Nações Unidas. Então, a hora é agora; aproveite o Natal e assumo o compromisso consigo mesmo de parar de se contentar com quaisquer presentes e busque pelo melhor. Feliz Natal para você!



Por
LUCIANA GOMES GIMENES
 Administradora de empresas e
 Coordenadora de compras
 São Paulo - SP
lucianagg@uol.com.br

NET *Dicas e links*

*Fim de ano, época de festas e férias. A empolgação que envolve as pessoas neste período do ano precisa de uma ou outra ajuda para que as coisas aconteçam sem imprevistos ou surpresas indesejáveis. Por isso, nossas dicas nesta edição são: **VIAJE NA VIAGEM**, para ajudar você escolher seu destino preferido; **COMPRAS NO EXTERIOR**, com as melhores sugestões daquelas comprinhas inevitáveis se o seu destino for para fora do país; e **CÁLCULO EXATO**, para que você fique seguro em conversões, cálculos, medidas de roupas e muito mais.*



VIAJE NA VIAGEM

Você ainda não escolheu o destino para sua próxima viagem de férias? Já sabe para onde quer ir mas quer informações mais detalhadas sobre o lugar que pretende conhecer? Então, enquanto prepara as malas, faça um *tour* virtual pelo *site* **Viaje na viagem** e conheça as dicas de Ricardo Freire e da mais atendida comunidade de viajantes do Brasil para *viajar* melhor pelos destinos que você escolheu dentre os mais badalados no Brasil e no mundo. Boa viagem!

<http://www.viajenaviagem.com/>



23

COMPRAS NO EXTERIOR

Compras e viagens têm tudo a ver. É difícil imaginar conhecer um novo lugar, especialmente fora do país, e não trazer algumas coisinhas, mesmo que o motivo da viagem não seja especificamente fazer compras. Não importa se você está entre os que sonham em viajar somente para fazer compras na *Black Friday* em Miami ou se pretende comprar apenas lembranças, chocolates e cosméticos no *Free Shop*: não deixe de ler o guia de **Melhores Destinos** para economizar e gastar melhor seu dinheiro no exterior!

<http://www.melhoresdestinos.com.br/compras-no-externior>



CÁLCULO EXATO

O *site* **Cálculo Exato** é um serviço gratuito que se propõe a auxiliar o usuário como simples referência e verificação de cálculos. Conversões diversas, cálculos financeiros, fuso horário, atualizações de dívidas e pagamentos e muito mais você encontrará de maneira rápida e organizada. Em alguns casos, no entanto, o serviço não deve ser utilizado em substituição a um profissional habilitado. Mas é um ótimo lugar para pedir ajuda na hora daquela emergência. Clique, peça ajuda e resolva a maioria de suas dúvidas sobre cálculos.

www.calculoexato.com.br





Por
ROSA PENA
Professora e escritora
Rio de Janeiro - RJ
pena.rosa@gmail.com

Perto

Perto
não é onde a mão alcança,
é ouvir o mesmo som,
partilhar do mesmo tom
compartilhar os passos da mesma dança,
ser o outro prato da balança.

Perto
não tem final
nem começo,
real ou virtual
não está na lista
de endereço.

Perto
é sentimento
faz parte do batimento.

Perto
só há um jeito.
Estar presente,
na batida do peito.